

**35º Encontro Anual da ANPOCS**

**GT18 - Marxismo e Ciências Sociais**

**Trabalho:**  
**Análise de Redes Sociais, classes sociais e marxismo**

**Autor:**  
**Ary Cesar Minella**

**Caxambú, outubro de 2011**

## **Análise de Redes Sociais, classes sociais e marxismo<sup>1</sup>**

Ary Cesar Minella

A questão que apresento neste trabalho tem sua origem em pesquisa realizada durante a década de 1980 sobre a organização e o poder dos banqueiros no Brasil. As entrevistas e a análise documental consolidaram a convicção de que era necessário levar em conta um conjunto amplo de relações ou conexões dos empresários e das instituições financeiras que ocupavam o comando das entidades de classe para, assim, alcançar uma melhor compreensão da estrutura e dinâmica das relações de classe no país. Posteriormente, na percepção dessas conexões empresariais foi importante o encontro com algumas obras como a de Mintz e Schuartz,(1985) em particular a análise que realizam sobre a “hegemonia financeira” e o significado que assumem as redes inter-empresariais constituídas pelas chamadas diretorias cruzadas (*interlocking directorates*), chegando assim à análise de redes sociais (ARS) também conhecida como análise estrutural.

Leituras seguintes levaram a uma melhor compreensão da ARS e o mundo empresarial e a considerar as diversas possibilidades de redes formadas na órbita dos interesses do capital: aquelas constituídas por participação acionária, as redes comerciais e financeiras, e as redes pessoais, especialmente as diretorias cruzadas (Scott, 1988, 1997; Swedberg, 1990; Pizarro, 2005, Mizruchi, 1996).

Existe uma abundante literatura sobre ARS especialmente na Europa e nos Estados Unidos e nos últimos anos passou a ter maior divulgação no Brasil. Esta literatura destaca o aspecto interdisciplinar e a possibilidade do uso desta metodologia a partir de diferentes enfoques teóricos. É nesta perspectiva que

---

<sup>1</sup> As primeiras considerações sobre este tema foram elaboradas durante o Pós-Doutorado realizado junto ao CENEDIC – Centro de Estudos dos Direitos da Cidadania, no Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo, durante o período de maio de 2006 a abril de 2007. Agradeço imensamente a acolhida aí recebida, o estimulante ambiente de debate e a infra-estrutura de pesquisa oferecida. Pesquisa realizada com apoio do CNPq.

situo minhas preocupações analíticas, com o objetivo de observar os alcances e os limites da metodologia para a análise das classes sociais, e a pertinência de sua relação com a tradição teórica marxista. Estas são as questões centrais do trabalho e o que se procura enfatizar é que as pesquisas com orientação marxista, especialmente as abordagem de classes sociais, podem estabelecer um promissor encontro com a ARS.

A seguir resgato a trajetória pessoal desse encontro com a ARS, com as primeiras intuições surgidas durante pesquisa empírica. “Eu observava os bancários mais ativos nas negociações e ligava para o General Golbery fazer as devidas averiguações”. Transmitida no amplo e decorado gabinete-biblioteca na sede da instituição financeira, esta declaração do entrevistado, um importante banqueiro, misto de empresário e intelectual orgânico da burguesia, sinalizava para um padrão de relacionamento governo/empresários que marcaria época no período pós-golpe de 1964<sup>2</sup>. O banqueiro fora presidente do Sindicato dos Bancos do antigo estado da Guanabara, no período de 1962 a 1966, e importante membro de um dos principais núcleos articuladores do golpe de Estado de 1964<sup>3</sup>. No contexto do conflito que vinha acirrando-se entre banqueiros e bancários desde começo dos anos 60, o pós 1964 foi extremamente favorável aos primeiros, enquanto os segundos tiveram muitos dos seus líderes perseguidos e destituídos do comando de seus sindicatos.

À medida que avançava a pesquisa empírica sobre as associações de bancos no Brasil, mais crescia a convicção de que, para uma melhor compreensão da estrutura e dinâmica das entidades de representação de classe, era necessário levar em conta um conjunto amplo de relações ou conexões dos líderes (no caso dos presidentes e diretores das entidades), incluindo os vínculos da instituição financeira à qual estavam associados.

A relação do presidente do sindicato dos bancos com o gabinete do General Golbery, por extensão com o governo resultante do golpe de estado, era um

---

<sup>2</sup> A entrevista ocorreu em 1982, no Rio de Janeiro, por ocasião de pesquisa de campo para a tese de doutorado, que defendi em 1986 e foi publicada em 1988 (*Banqueiros: organização e poder político no Brasil*, Rio de Janeiro, Espaço e Tempo/ANPOCS).

<sup>3</sup> Trata-se do complexo formado pelo Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES) e o Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD) (cf. Dreifuss, 1981).

dato bastante significativo. Depois, constatei que o presidente do Sindicato que o sucedeu estava vinculado ao grupo do General Costa e Silva, na complexa disputa de poder pela sucessão do General Castelo Branco. Assim, não era nada desprezível considerar que, anos mais tarde, o presidente da Associação de Bancos do Estado de São Paulo e também da Confederação Nacional das Instituições Financeiras (CNF), criada em 1985, era um dos líderes e financiadores (através do seu banco) do Instituto Liberal de São Paulo.

Neste caminho, tratei de buscar os dados mais amplos possíveis das conexões dos empresários que ocupavam o comando das entidades de classe. Muitas vezes havia participação acionária cruzada entre as instituições financeiras, ou participação conjunta em empresas não-financeiras, ou ainda relações com entidades, de naturezas diversas, que reuniam empresários e membros de vários segmentos sociais, algumas delas com fachadas de entidades civis supostamente desvinculadas dos estritos interesses corporativos e políticos de seus membros.

Conservo ainda a convicção de que uma pesquisa orientada por uma concepção dialética – afinal o limite das pretensões de cada um é quase inesgotável –, deveria abordar “seu objeto de estudo” a partir de diversos ângulos, com as mais diversas técnicas de pesquisa que estivessem ao alcance, além de se valer de uma diversidade de fontes. Parece supérfluo dizer que este “ideal de pesquisa” serviu apenas como um norte e que, pelo caminho, os desafios da realidade e os limites do pesquisador, acabaram definindo o quanto foi possível aproximar-se dele.

Aquelas constatações empíricas, e as implicações que poderia derivar delas, permaneceram presentes ao longo dos anos. A percepção dessas conexões empresariais como uma rede, encontrou um novo caminho em 1998, durante o período de realização de programa do pós-doutorado junto ao Departamento de Ciência Política da UNICAMP. Neste período, foi de capital importância o encontro com a obra de Mintz e Schuartz (1985), em particular a análise que realizam sobre a “hegemonia financeira” e o significado que assumem neste contexto as redes inter-empresariais constituídas pelas chamadas diretorias cruzadas ou diretorias entrelaçadas (*interlocking directorates*), e a centralidade

que as instituições financeiras assumem nesta rede. Mas foi a leitura de um texto de Scott (1988) que primeiro iluminou minha compreensão do que seria a análise de redes sociais. E o artigo de Swedberg (1990), que chamou atenção para as redes financeiras. O artigo de Scott (1988) permitiu uma primeira aproximação sistemática ao tema e preparou o terreno para futuras incursões. Preocupado em analisar a classe capitalista, especialmente na Inglaterra, o autor indica as diversas possibilidades de redes formadas na órbita dos interesses do capital: aquelas constituídas pela participação acionária, as redes comerciais, redes de crédito, e as redes pessoais, especialmente as diretorias cruzadas, modalidade que é mais estudada pela literatura.

Um estímulo significativo, para buscar uma aproximação maior à análise das redes sociais ocorreu quando, ao analisar a composição das diretorias das diversas entidades de representação de classe no Brasil (cada segmento financeiro tem sua própria entidade), constatei que alguns grupos ou conglomerados financeiros participavam, de forma simultânea, em várias dessas entidades. Assim, a análise da estrutura e dinâmica de representação de classe no setor financeiro brasileiro deveria levar em conta as conexões que se criam entre as diversas entidades a partir da presença comum de uma mesma instituição financeira. Para isto era necessário considerar a existência de conglomerado e grupo financeiro<sup>4</sup>. O primeiro, entendido aqui como o conjunto de empresas interligadas por controle de capital que atuam *nos diversos segmentos do setor financeiro*. O segundo, grupo econômico ou financeiro, interpretado como conjunto de empresas interligadas por controle de capital e que incluem também *empresas do setor não-financeiro*<sup>5</sup>. Outra pesquisa que abordou a situação dos “pequenos e médios bancos”, cuja representação de interesses formal se realiza atualmente através da Associação Brasileira de Bancos (ABBC), constatou que muitos deles estavam integrados a grupos econômicos classificados entre os maiores do país (MINELLA, 1993).

A leitura de uma notícia publicada em jornal da grande imprensa, talvez tenha sido o impulso definitivo para levar em consideração a possibilidade de utilizar a

---

<sup>4</sup> Essas análises foram recuperadas em textos publicados recentemente (Minella, 2005, 2005a).

<sup>5</sup> Desenvolvo mais esta questão na apresentação dos resultados empíricos da pesquisa.

metodologia de análise de redes no estudo de alguns aspectos sociopolíticos do sistema financeiro. Conhecendo a atuação do Citibank nas associações de classe do sistema financeiro no Brasil, a informação de que ele atuava na diretoria da *Asociación de Bancos e Instituciones Financieras de Chile*, parecia iluminar como um raio um fenômeno que poderia ser bem mais amplo na América Latina. Formulei então a seguinte hipótese: no contexto da implementação das políticas neoliberais no Continente, que obedeceu a ritmos e intensidades diferentes em cada país (Cruz, 2004) a desregulamentação e abertura financeiras ampliaram a presença do capital estrangeiro no setor, criando a possibilidade de que uma mesma instituição financeira *atuasse de forma simultânea nas entidades de classe de diferentes países*. Aquilo que havia sido constatado em relação ao Brasil, como foi mencionado, também poderia estar acontecendo em dimensão continental. Acreditei que seria necessário pesquisar esta possibilidade e pensar nas suas implicações para o entendimento da estrutura e dinâmica da organização e atuação de classe do setor financeiro.

A partir do ano 2000, uma parte da minha pesquisa procurou dar uma resposta a essa questão e, para dar conta dela, adotou-se algumas estratégias metodológicas: a) realizar um levantamento das associações de bancos e outras entidades de representação de classe do setor financeiro existentes na América Latina; b) identificar a composição das diretorias (nome e cargo do empresário, sua instituição financeira e a origem do capital), ao mesmo tempo em que eram coletadas informações acerca do histórico das associações e outros dados que possibilitassem ter uma idéia, mesmo que mínima, sobre a atuação delas em cada país. Através das páginas *web* das associações, do envio de questionários, contatos telefônicos ou por correio eletrônico, foi possível coletar dados considerando dois momentos. O primeiro no ano de 2000, que incluiu *19 associações* que representavam os bancos e instituições financeiras privadas em *13 países* da América Latina, com um total de *212 cargos de direção* (MINELLA, 2003). E o segundo, em 2006, que abrangeu 229 membros da diretoria de 24 entidades de classe, em 17 países (MINELLA, 2007).

Uma das constatações básicas foi a de que realmente existiam alguns conglomerados ou grupos financeiros, especialmente norte-americanos e europeus, que atuavam em associações de classe em diferentes países latino-americanos, estabelecendo desta maneira uma conexão entre as associações, constituindo assim o que se denominou de *rede transassociativa* na estrutura de representação de classe do setor financeiro.

Como observam Molina e Schmidt (2006), a perspectiva da análise de redes sociais constitui um espaço único para o qual confluem diversas disciplinas e tradições intelectuais e reúne autores e instituições com interesses muito diversos. Convém, portanto, deixar mais claro qual é o conceito de redes sociais que utilizarei, entre os variados usos que ele permite.

Para apresentá-lo de forma sintética, sigo as indicações de Marques (2000) e Molina & Schmidt (2006) que distinguem diferentes usos possíveis para o conceito de redes sociais. O primeiro deles, é a utilização de rede como *metáfora*. Segundo Marques (2000, p.31-32) é o uso “mais antigo e disseminado, estando presente em inúmeros estudos que trabalham, às vezes, de forma periférica, com a idéia de que entidades, indivíduos ou mesmo idéias estão de alguma forma conectados entre si”. Um segundo uso tem “aspecto normativo, determinando certas configurações de um dado conjunto de entidades de maneira a alcançar certos objetivos como, por exemplo, a estruturação dos fluxos e tarefas no interior de uma indústria” (MARQUES, 2000, p.32). Molina e Schmidt (2006) sugerem ainda que a utilização dos diagramas de redes em projetos de participação e desenvolvimento local leva ao uso do conceito de rede social como *intervenção*, mediante o diagnóstico e a participação. O quarto uso do conceito de rede social é o *formal*, ou seja, a *análise de redes sociais (ARS) propriamente dita*, que utiliza a contribuição da teoria dos grafos e a álgebra de matrizes. Nessa direção, a análise de rede contribui para pôr de manifesto relações e ordenações não identificadas previamente. Constitui-se, assim, em uma *metodologia específica para o estudo das relações sociais*. Neste sentido, não se trata mais de considerar as redes como metáfora “da estruturação das entidades na sociedade, mas também como método para a descrição e a análise dos padrões de relação nela

presentes” (MARQUES, 2000, p. 32). É nessa perspectiva que utilizarei o conceito na atual etapa da pesquisa. Por fim, Molina e Schmidt (2006) incluem ainda o uso do conceito de redes sociais como ponto de partida para avançar em *teoria social*.<sup>6</sup>

A literatura sobre análise de redes sociais até aqui examinada destaca o seu aspecto interdisciplinar e a possibilidade do uso desta metodologia, a *partir de diferentes enfoques teóricos*. É nesta perspectiva que situo meu trabalho atual, com o objetivo de observar, por um lado, os alcances e limites da metodologia para analisar as classes sociais, e por outro, a pertinência de sua relação com a tradição teórica marxista.

A relação do enfoque de redes sociais, também chamada análise estrutural, com a perspectiva marxista aparece referida em um conjunto de autores. Em artigo publicado em 1988, que se transformou em referência na área, Wellman observa que no estudo dos vínculos de dependência existentes em sistemas de Estados-nação e entre grupos de interesse macroestruturais, alguns pesquisadores têm empregado conceitos analíticos estruturais, mas pouco utilizando os métodos de análise de redes sociais (p. 30). Nesta linha, Wellman considera os estudos de dependência internacionais, inter-regionais e inter-grupal, incluindo os “dependentistas” (como Frank) e “os sistemas-mundo” (Wallerstein).

Quando se assume que a unidade de análise é um “sistema-mundo”, e não o estado ou a nação ou o povo, como o faz Wallerstein, a preocupação central passa a ser com as características relacionais dos estados e menos suas características atributivas. Nessa perspectiva, as classes (e grupos de *status*) deixam de ser vistas “como grupos dentro de um estado” e passaram a ser tratadas como “grupos dentro de uma economia mundial” (WELLMAN, 1988, p. 33).

Segundo Wellman, estes trabalhos têm “conduzido a outros analistas estruturais a considerar mais plenamente como é que o poder sobre o acesso a recursos

---

<sup>6</sup> Nesta perspectiva existe um longo caminho a percorrer e a discussão não é dissociada da análise de redes sociais enquanto método. Alguns textos apresentam uma sistematização e aprofundamento no debate desta questão, tais como Lozares (1996, 2005), Pizarro (1998, 2004), Uliana (2002), Emirbayer (1997), Wellman (1988), Degenne e Forsé (2004), Spinoza (2006), Mizruchi (2006).



afeta as relações, e a examinar os vínculos entre unidades a grande escala, como também entre pessoas”. Mas considera que o “efeito recíproco tem sido débil”. “Seja por ignorância, ou desagrado pelo raciocínio matemático, poucos ‘economistas políticos’ têm empregado as ferramentas analíticas estruturais para examinar as relações entre estados e grupos de interesse”. Inspirado em Godelier (1978) e *Insurgent Sociologist* (1979)<sup>7</sup>, Wellman (1988, p. 30) afirma que

O enfoque analítico estrutural é promissor para os estudos de corte marxista acerca de como as redes de poder-dependência estão associadas com os modos de produção – consistente com o mandato feito por Marx respeito a que as relações de classe sejam analisadas em termos estruturais antes que categoriais.

Na avaliação deste autor, as técnicas de elaboração de modelos de redes poderiam proporcionar ferramentas úteis para estudar os mecanismos de câmbios estruturais a grande escala. Segundo ele, **integrar as contribuições da análise estrutural** (menciona, por exemplo, os modelos de blocos)<sup>8</sup> **com um trabalho histórico** sério poderia melhorar nossa compreensão sobre tais câmbios (grifo meu) (WELLMAN, 1988, p. 47).

Segundo Wellman (1988, p.32-33). “os analistas estruturais consideram que as afiliações categoriais refletem relações estruturais subjacentes, isto é, diferenças baseadas nos tipos de recursos com os quais eles se encontram vinculados”. Nessa perspectiva, “não tratam a classe social como um conjunto de *status*, ocupado por membros de uma população, mas como uma etiqueta resumo para as relações econômicas de poder e dependência.”

A relação entre a análise de redes sociais e a tradição de pensamento marxista é referida também por Emirbayer (1997). Em seu artigo *Manifesto for a Relational Sociology*, ele observa que Marx se inscreve em uma linha analítica relacional e destaca ainda a concepção de Marx, segundo o qual, “o capital não é uma *coisa*, mas uma *relação social* entre pessoas, mediada pelas coisas.”

---

<sup>7</sup> Cf. o texto de Maurice Godelier, Infrastructures, societies and history, *Current Anthropology*, 1978, 763-8); e *Insurgent Sociologist*, Special issue on “Marxism and Structuralism”, v. 9, n. 1,1979.

<sup>8</sup> O modelo de bloco (*blockmodeling*) é uma técnica que “permite descobrir de forma indutiva, subjacentes estruturas de papéis existentes em uma estrutura social, através da justaposição de múltiplos indicadores de relações em matrizes analíticas” e ajudam a “comparar redes reais com estruturas hipotéticas” (Wellmann,1988, p.40).

Para Marx o “capital é uma *relação social de produção*”, uma “*relação histórica de produção*” (MARX, 1979, t.1, v.3, p. 957, grifado no original)<sup>9</sup>.

Além disso, é necessário considerar a análise que Marx realiza em torno do fetichismo da mercadoria (O Capital, cap. 1) e o ocultamento das relações que ele encerra. “As relações entre os produtores, nas quais se fazem efetivas as determinações sociais de seus trabalhos, assumem a forma de uma relação social entre os produtos do trabalho” (Marx, 1979, t.1, v.1, p.88). Os homens “relacionam entre si seus diversos trabalhos como trabalho humano, por quanto relacionam *entre si seus produtos como valores*. A relação pessoal está oculta pela forma material” (MARX, 1979a, t.1, v.3, p.1009-1010). A relação social determinada entre os homens aparece como uma relação entre coisas, uma forma fantasmagórica que Marx chama de *fetichismo*.

De acordo com esse ponto de vista, o caráter fetichista do mundo das mercadorias oculta assim as relações sociais sobre as quais está fundada a própria existência dessas mercadorias. Nessa perspectiva, sugiro que rastrear essas relações ocultas sob a forma mercadoria pode ser um caminho profícuo para entender as particularidades dessas relações e desvelar sua dimensão fantasmagórica, e que a análise de redes sociais pode ser extremamente útil neste procedimento.

Na avaliação de Pizarro, um autor que reúne em sua trajetória de pesquisa a tradição marxista com a análise de redes sociais, a identificação da exploração como a relação que fundamenta a diferença entre as classes sociais necessita avançar em termos conceituais para análises mais fecundas das posições sociais, objetivadas por suas relações mútuas nos processos de transformação e circulação dos produtos sociais. E o caminho para isto se encontra na “intersecção do marxismo e a moderna sociologia algébrica, desenvolvida para a análise das redes sociais” (1998, p.337).

No entendimento desse autor (1998, p. 377),

*importa subrayar que la perspectiva reticular [Análise de Redes Sociais] y los métodos y técnicas de investigación que le son propios están contribuyendo a una*

---

<sup>9</sup> Faço referencia a partir da edição espanhola *El Capital*, publicada pela editora Siglo XXI, tradução de Pedro Scaron).

*reconsideración de las cuestiones de más amplitud y relevancia para la gran tradición sociológica: la estructura de las élites, la función del Estado en la integración social, los mecanismos de diferenciación de las élites en las estructuras de clase, la naturaleza y función de la burocracia en el sentido weberiano del término y, además, la interacción dialéctica ente las estructuras de clase y las formas de 'racionalización' o de institucionalización de la dinámica de esas estructuras.*

Ainda segundo Pizarro (1998), a análise de redes sociais é particularmente importante para o estudo das relações intra-classe, como aquelas existentes entre os trabalhadores assalariados ou entre os empresários. O fato de pertencer à determinada classe ou possuir um *status* similar “não implica necessariamente a existência de relações sociais entre os membros”, no sentido de transformá-los “em grupos sociais em sentido estrito.”

*Para la perspectiva reticular (...) la estructura de las relaciones internas de las clases o fracciones de clase es el objeto de estudio privilegiado. Y es que un postulado común, aunque a veces implícito, de las aproximaciones reticulares es, precisamente que la exigencia misma de una estructura interna constituye el principal factor que determina la formación de una comunidad de intereses o, si se quiere, los procesos de coalición de actores y la génesis de los sujetos colectivos en la acción social (Pizarro, 1998, p. 364).*

Um campo particular de aplicação da análise de redes sociais têm sido a composição das diretorias e conselhos administrativos das maiores corporações empresariais, tanto nos Estados Unidos como na Europa (por exemplo, Minz; Schartz, 1988; Scott, 1997; Mizruchi, 1996) e a identificação das diretorias cruzadas. Em termos gerais, o resultado das pesquisas nesta área oferecem importantes contribuições para o entendimento das conexões que se estabelecem entre as corporações e da formação de uma elite empresarial e seu possível papel na circulação de informações e na articulação dos interesses capitalistas.

Alguns autores sinalizam para a necessidade de desenvolver pesquisas que levem em consideração a relação entre espaço, classe social e redes sociais. Referindo-se à classe trabalhadora, sugerem abandonar uma visão homogênea e delimitada localmente dessa classe e ver como a “formação de classe

depende de uma articulação particular entre o local e o não-local por tipos específicos de redes espaciais e sociais” (Blokland; Savage, 2001)<sup>10</sup>.

A análise de redes sociais, como aqui está sendo considerada, pode também oferecer um caminho empírico promissor para revelar, de forma mais clara a estrutura relacional na constituição e manutenção de um “bloco no poder”, conceito “desenvolvido por Nicos Poulantzas para pensar a classe burguesa como a unidade (classe social) do diverso (frações de classe) nas suas relações com o Estado e com o restante da sociedade” (Boito, 2007, p.58). A análise do bloco no poder para a realidade brasileira, como proposto por Boito (2007) sugere uma configuração complexa de relações e vínculos sociais, políticos e econômicos, entre as próprias frações de classe e delas com o Estado, que poderiam ser identificadas e “visualizadas” com os recursos oferecidos pela análise de redes sociais. Nesta mesma direção poderia ser contemplada a constituição de uma “nova classe social”, como sugere Oliveira (2003) para o caso brasileiro recente<sup>11</sup>.

A declaração do banqueiro, mencionada no início deste trabalho, revela as conexões existentes entre dois elementos dinâmicos que, de alguma forma, estão presentes como fundamentais da ação que o empresário desenvolve. Por um lado, o relacionamento com os trabalhadores assalariados do setor – no caso, os bancários –, e por outro sua relação com o Estado e o governo em turno. Nesta, se revela um tipo particular de relação, característico de uma rede de conexões que havia se firmado no período preliminar ao golpe de Estado de 1964. De alguma forma, a rede de relações específica deste empresário, naquela conjuntura, tornou-se um elemento de particular importância na definição e rumos que a própria relação de classe assumiu. Em outros termos, a configuração das redes de relações sociais que se estabelecem no seio das classes sociais podem matizar e redefinir aspectos da própria relação de classe social.

---

<sup>10</sup> Outras indicações que sinalizam para esta discussão da relação classe social e redes sociais podem ser encontradas, em distintos graus de aprofundamento, em autores como Collyer (2003), Diane, McAdam (2003), Friedland, Palmer (1994), Overbeek (2000), Scott (2002).

<sup>11</sup> Esta nova classe social “formou-se no consenso ideológico sobre a nova função do Estado, trabalha no interior dos controles de fundos estatais e semiestatais e está no lugar que faz a ponte com o sistema financeiro” (Oliveira, 2003, p. 148).

A capacidade real ou potencial de mobilização de uma rede em favor dos interesses específicos de classe ou de uma fração de classe ou de um bloco no poder, adquire capital importância em determinadas conjunturas. Entendo que isto tem pelo menos duas implicações. A primeira, para os próprios atores envolvidos na relação de classe e sua potencialidade de ação. A segunda, na percepção e conhecimento mútuo que cada um dos atores envolvidos – indivíduos, ou grupos de uma classe –, têm sobre as redes de relações do outro, e das conseqüências disso para a própria ação. Compreendo, neste sentido, que a análise de redes sociais pode constituir-se não apenas em uma metodologia para a pesquisa, mas em um instrumento de intervenção política. Um exemplo ilustrativo: o Grupo Banco Mundial utiliza esta metodologia para coletar dados das populações objeto de suas políticas de financiamento, consciente de que o melhor conhecimento das reais relações que se estabelecem nas comunidades é fundamental para a implantação dessas políticas.

Os empresários envolvidos no processo político e na representação de classe – ou seja, com atuação nas associações e sindicatos –, inscrevem sua ação em uma rede específica de relações econômicas (empresas, grupo), políticas (vínculos partidários, financiamento de campanhas, postos legislativos), estatais (conexões com a burocracia e alto escalão dos órgãos de decisão do Estado), organizações político-ideológicas e centros de pesquisa e formulação de políticas (como os Institutos Liberais, espaços acadêmicos específicos, etc.), meios de comunicação social, organizações militares e para militares, organizações religiosas, assim por diante. A Análise de Redes Sociais, enquanto uma metodologia que enfatiza as relações entre os agentes, e entre agentes e eventos, constitui um instrumento metodológico com enorme potencial para a análise estrutural intra-classe e também, para as próprias relações de classe.

As relações de classe não se realizam num sistema lógico-abstrato, inferido a partir das posições estruturais atributivas agregadas em alto grau de abstração. Ela se constitui e se formaliza através de um conjunto amplo de relações, formalizadas/institucionalizadas ou não. São inúmeros os espaços relacionais e

eventos constituídos pelas classes dominantes para cooptar/neutralizar as classes dominadas, na busca permanente da dominação ou do exercício hegemônico. Talvez o alcance delas seja maior do que supomos, por isso mesmo julgo necessária a realização de pesquisas mais claras e profundas sobre como elas se constituem e se mantêm e qual seu resultado social e político. Minha hipótese é a de que a metodologia de análise de redes sociais pode oferecer uma contribuição valiosa neste particular.

Em suma, a revisão bibliográfica e as observações e conclusões das pesquisas empíricas próprias sobre os banqueiros no Brasil e na América Latina me levam a considerar que existe um caminho promissor na vinculação entre a análise ancorada no marxismo e o enfoque de redes sociais, concebida especialmente como uma metodologia para análise de dados relacionais, tradição tão cara à concepção marxista.

### **Referências Bibliográficas**

BLOKLAND, Talja; SAVAGE, Mike. Networks, class and place. *International Journal of Urban and Regional Research*, v. 25, n. 2, p. 221-226, June 2001.

BLOKLAND, Talja; SAVAGE, Mike. Networks, class and place. *International Journal of Urban and Regional Research*, v. 25, n. 2, June 2001, p.221-226.

Blokland; Savage, 2001).

BOITO JR., Armando. Estado e burguesia no capitalismo neoliberal. *Rev. Sociol. Polit.*, Curitiba, n. 28, jun. 2007. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-44782007000100005&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782007000100005&lng=pt&nrm=iso)>.

CARROL, William K.; CARSON, Colin. The network of global corporations and elite policy groups: a structure for transnational capitalist class formation. *Global Networks*, v. 3, n. 1, p. 29-57, 2003.

COLLYER, Fran M. Theorising privatisation: Policy, network analysis, and class. *Electronic Journal of Sociology*, 2003. Disponível em:

[http://www.sociology.org/content/vol7.3/01\\_collyer.html](http://www.sociology.org/content/vol7.3/01_collyer.html). Acesso em: 02 dez. 2005

CRUZ, Sebastião C. Velasco. Argumentos sobre as 'reformas para o mercado' nos países em desenvolvimento. In: \_\_\_\_\_. *Globalização, democracia e ordem internacional*. Ensaios de teoria e história. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; São Paulo: Editora UNESP, 2004, p.91-115.

DEGENNE, Alain ; FORSÉ, Michel. *Les réseaux sociaux*. 2. ed. Paris: Armand Colin, 2004.

DIANE, Mario; McADAM, Doug. *Social movements and networks: relational approaches to collective action*. Oxford: Oxford University Press, 2003.

DREIFUSS, René. *1964: A conquista do Estado. Ação política, poder e golpe de Estado*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1981.

EMYRBAYER, Mustafa. Manifesto for a relational sociology. *American Journal of Sociology*, v. 103, n. 2, 1997.

ESPINOZA, Vicente. Genealogia de los usos actuales del análisis de redes en Latinoamérica. In: PORRAS, José Ignacio; ESPINOSA, Vicente (Org.) *Redes. Enfoques y aplicaciones del Análisis de Redes Sociales (ARS)*. Santiago, Chile: Editorial Universidad Bolivariana, 2005, pp.15-65.

FRIEDLAND, R.; PALMER, D. Space, corporation and class: toward a grounded theory. In: FRIEDLAND, R.; BODEN, D. (Orgs.) *NowHere: space, time and modernity*. Berkeley: University of California Press, 1994.

LOZARES, Carlos. La teoria de redes sociales. Papers, n. 48, 1996. Disponível em: <http://seneca.uab.es/antropologia/ars/ars.htm>. Acesso em: 15/02/2006.

\_\_\_\_\_. Bases metodológicas para el Análisis de Redes Sociales, ARS. *Empiria*. Revista de Metodología de Ciencias Sociales. N. 10, julio-diciembre, 2005, pp. 9-35.

MARQUES, Eduardo Cesar. *Estado e redes sociais: permeabilidade e coesão nas políticas urbanas no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Revan; São Paulo: FAPESP, 2000.

MARX, Karl. *El Capital*. Crítica de la Economía Política. 8. ed. México: Siglo XXI, 1979, tomo 1, v.1 (Tradução de Pedro Scaron).

\_\_\_\_\_. *El Capital*. Crítica de la Economía Política. 5. ed. México: Siglo XXI, 1979a, tomo 1, v.3 (Tradução de Pedro Scaron).

\_\_\_\_\_. *The Marx-Engels Reader*, 2. ed. Edited by Robert C. Tucker. New York: Norton, 1978. Apud EMIRBAYER, 1997.

MINELLA, Ary C. Representação de classe do empresariado financeiro na América Latina: a rede transassociativa no ano 2006. *Rev. Sociol. Polit.*, jun. 2007, no.28, p.31-56. ISSN 0104-4478. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n28/a04n28.pdf> (Versão em inglês disponível em: [http://socialsciences.scielo.org/pdf/s\\_rsocp/v3nse/scs\\_a03.pdf](http://socialsciences.scielo.org/pdf/s_rsocp/v3nse/scs_a03.pdf)

\_\_\_\_\_. Empresariado financeiro: organização e posicionamento no início da década de 90. In DINIZ, Eli (Org.) *Empresários e modernização econômica: Brasil anos 90*. Florianópolis: Editora da UFSC; São Paulo: IDACON, 1993, p. 69-111.

\_\_\_\_\_. Globalização financeira e as associações de bancos na América Latina. *Civitas*. Revista de Ciências Sociais,, Porto Alegre, v.3, nº2, p.245-272, jul-dez. 2003.

\_\_\_\_\_. Grupos financeiros e associações de classe do sistema financeiro. In: MENDONÇA, Sonia Regina (Org) *O Estado Brasileiro: Agências e Agentes*. Niterói: EdUFF/Vício de Leitura, 2005, p. 159-178.

\_\_\_\_\_. Reestruturação do sistema financeiro brasileiro e a representação de classe do empresariado - 1994-2004. In: GROS, Denise; DELGADO, Ignacio G.; CAPELLIN, Paola; DULCI, Otávio. (Org.). *Empresas e grupos empresariais: Atores sociais em transformação*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005a, p. 255-277.

MINTZ, B.; SCHWARTZ, M. *The Power structure of American Business*. Chicago: University of Chicago Press, 1985.



MIZRUCHI, Mark S., "What Do Interlocks Do? An Analysis, Critique, and Assessment of Research on Interlocking Directorates," *Annual Review of Sociology*, 1996, 22:271-298.

\_\_\_\_\_. Análise de Redes Sociais: avanços recentes e controvérsias atuais. *RAE -Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 46, n. 3, julho/setembro de 2006, p. 72-86.

MOLINA, José Luis; SCHMIDT, Samuel. El Análisis de redes sociales en HispanoAmérica: presente y futuro. XXIII Conferencia Internacional de Análisis de Redes Sociales en Cancún (México). Disponível em: <http://revista-redes.rediris.es/webredes/textos/Presente%20y%20futuro.htm>. Acesso em: 17/07/2006.

OLIVEIRA, Francisco de. O Ornitorrinco. In: \_\_\_\_\_. *Crítica à razão dualista. O ornitorrinco*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003, p. 121-150.

OVERBEEK, H. Transnational historical materialism: theories of transnational class formation and world order. In: PALAN, R. (ed.) *Global political economy: contemporary theories*. London: Routledge, 2000. p. 168-183.

PIZARRO, Narciso. *Tratado de metodologia de las Ciências Sociais*. Madrid: Siglo Veintiuno de España Editores, 1998.

\_\_\_\_\_. Un nuevo enfoque sobre la equivalencia estructural: Lugares y redes de lugares como herramientas para la teoría sociológica. *REDES – Revista hispana para el análisis de redes sociales*, v.5, n. 2, ene./feb. 2004. Disponível em: <http://revista-redes.rediris.es>. Acesso em: 11 out. 2005.

\_\_\_\_\_. Solidaridad estructural y cohesión en las elites del poder en la transición española: Estado y economía. [Ponencia presentada en el Cuarto Seminario Internacional, Culiacán, Sinaloa, México, 30 de junio de 2005].

SCOTT, John. Social network analysis and intercorporate relations. *Hitotsubashi Journal of Commerce and Management*, n. 23, p. 53-68, 1988.

\_\_\_\_\_. *Corporate Business and Capitalist Classes*. New York: Oxford University Press, 1997.

\_\_\_\_\_. Social class and stratification. *Acta Sociologica*, v. 45, n.1 (Special), 2002. Disponível em: <http://privatewww.essex.ac.uk/~scottj/socscot10.htm>. Acesso em: 4/4/2006.

\_\_\_\_\_. *Social network analysis: A handbook*. 2. ed. London: Sage Publications, 2005.

SWEDBERG, Richard. International financial networks and institutions. *Current Sociology*, v. 38, n. 2/3, p. 259-325, 1990.

ULIANA, Hernan A. Network análisis e historiografia: ¿moda o desafio? Una lectura “posible” desde el punto de vista de las relaciones entre epistemología y política. *Prohistoria*, v.6, n.6, enero 2002.

WELLMAN, Barry. Structural Analysis: From Method and Metaphor to Theory and Substance. In: WELLMAN, B.; BERKOWITZ, S.D. (eds) *Social structure: A network approach*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988, p. 19-61.